

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**SONIA MARIA SOUZA FERRARI**

**A PERCEPÇÃO DOS EDUCADORES DA EJA SOBRE  
AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE SEUS  
EDUCANDOS**

**CAMPINAS**

**2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A PERCEPÇÃO DOS EDUCANDORES DA EJA SOBRE  
AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS SEUS  
EDUCANDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência parcial para o  
Curso de Especialização em Educação de  
Jovens e Adultos da Faculdade de Educação-  
UNICAMP sob orientação do(a) Prof.(a)  
Dr(a). Sonia Giubilei

Aluno: Sonia Maria Souza Ferrari

Data:

Assinatura: \_\_\_\_\_  
*Orientadora*

**2009**

**Ficha catalográfica|elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**  
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

F412p      Ferrari, Sônia Maria Souza  
A percepção dos educadores da EJA sobre as dificuldades de aprendizagem de seus educandos / Sônia Maria Souza Ferrari. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Sônia Giubilei.

Trabalho de conclusão de curso (especialização em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Adultos. 2. Educação. 3. Dificuldade de aprendizagem. 4. Cultura. 5. Educação de jovens e adultos. 5. Educandos. I. Giubilei, Sônia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-290-BFE

Dedico este trabalho aos educandos da FUMEC com a minha profunda admiração pela força de vontade e perseverança na busca do saber, impulsionando a EJA.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os meus familiares que me incentivaram a iniciar o curso de Especialização nesta Universidade;

À prof<sup>a</sup>. Dra. Sonia Giubilei, dedicada orientadora que me permitiu realizar este trabalho;

Ao meu esposo, Moyses, meu carinho e reconhecimento pela compreensão e apoio principalmente nos momentos mais difíceis da finalização deste trabalho;

Às colegas, pelos momentos de alegria durante o período em que estivemos juntas.

## RESUMO

O trabalho é o resultado de um estudo que objetivou verificar as dificuldades de aprendizagem apresentadas por jovens e adultos no percurso de ensino na visão de seus educadores. O interesse em trabalhar este tema está embasado na experiência docente da autora, buscando na pesquisa de campo, elementos que pudessem identificar junto aos sujeitos da pesquisa as dificuldades que enfrentavam no processo ensino-aprendizagem: quem e como são nossos educandos? Que saberes trazem? Como aprendem? Quais seus desejos, expectativas e necessidades de aprendizagem? Algumas indagações nortearam o trabalho de campo aos professores da EJA: especificamente aos da FUMEC (Fundação Municipal Para Educação Comunitária) que mesmo com diversas dificuldades enfrentadas no processo de aprendizagem, o educador promove uma educação crítica e inclusiva, conscientizando o educando para um estudo contínuo, que se concretize ao longo da vida.

**Palavras chaves:** Adultos, Educação, Dificuldade de aprendizagem, Cultura, Educação de jovens e adultos.

## SUMÁRIO

|                                                               |           |
|---------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                       | <b>8</b>  |
| <b>Capítulo I - EDUCADOR DA EJA: IDENTIFICAÇÕES .....</b>     | <b>9</b>  |
| <b>Capítulo II – EDUCANDO DA EJA: CARACTERIZAÇÃO .....</b>    | <b>14</b> |
| <b>Capítulo III – APRENDIZAGEM NA EJA .....</b>               | <b>18</b> |
| <b>Capítulo IV – OLHAR DO EDUCANDO EM SEU COTIDIANO .....</b> | <b>21</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                             | <b>23</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>                                     | <b>24</b> |
| <b>ANEXO .....</b>                                            | <b>25</b> |

## INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado teve como objetivo identificar a percepção do educador quanto à dificuldade de aprendizagem que seus educandos jovens e adultos apresentam no processo ensino-aprendizagem.

O que me motivou neste trabalho foi que, com base em minha experiência como educadora de adultos pude levantar questões que vieram corroborar com minhas inquietações quanto ao tempo de aprendizagem tanto do adulto quanto do jovem, constatando que o tempo de aprendizagem de ambos é diferente. O tempo de aprendizagem maior para o adulto enquanto que para o jovem as atividades processam com mais rapidez e, para isso, o educador deve respeitar as características de cada um, buscando meios para que a construção do saber ocorra com sucesso.

Algumas questões são importantes para que o educador sinta-se com maior segurança em seu trabalho. Assim, quem são os educandos da EJA, que saberes trazem, como eles aprendem, quais seus desejos, expectativas e necessidades de aprendizagem? As situações de diálogo estabelecidas me possibilitou verificar o quanto os educadores da EJA em específico FUMEC demonstram demasiadamente um certo desconforto com relação ao desenvolvimento do processo de aprendizagem, mesmo porque os educandos da EJA têm pressa, e cabe ao educador conscientizá-los de que vão aprender, têm potencial mas precisam de um período maior comparado aos mais jovens.

A organização deste trabalho se apresenta da seguinte forma:

O primeiro capítulo, fala sobre o educador, a importância do papel do educador, suas responsabilidades, formação e reflexões. O segundo capítulo se refere ao educando, o quanto ele necessita se apropriar da leitura e da escrita, num mundo tão letrado, levantando suas expectativas, culturas, diversidades e trajetórias. O terceiro capítulo apresenta a aprendizagem na EJA, o acesso, significado, permanência, reflexão, dificuldades e fracasso. O quarto capítulo apresenta a pesquisa com alguns educadores da EJA quanto a fundamentação teórica, visão da EJA, recursos utilizados, realidade sócio-econômica dos alunos e dificuldades encontradas na prática.



## **CAPÍTULO I**

### **EDUCADOR DA EJA: IDENTIFICAÇÕES**

A formação do educador segundo GADOTTI e ROMÃO (2002), depende muito mais de sua inserção no social e no político do que numa boa reformulação dos currículos e dos cursos.

Todo ser humano, até certa ponto ensina alguma coisa ou tenta ensinar. Mas o saber sistematizado do educador, esse é adquirido após a formação, podendo ser ampliado em cursos, atualizações e capacitações. O ser educador vai se constituindo com o saber adquirido nas relações historicamente determinadas, que vão construindo as dúvidas, perplexidades, convicções e compromissos.

O nosso problema não está ligado à falta de recursos nem à falta de competência pedagógica. Suas raízes estão na falta de interesse de política pública. O primeiro compromisso do docente é com a mobilização e organização do conjunto da categoria docente, cujos objetivos não podem se limitar às reivindicações corporativas. Refletir as funções do educador, rever estratégias de ação trocar experiências, propor política, só é eficaz no coletivo, pois as atitudes isoladas podem enfraquecer a ação, gerar arrogância, transformando em lamentação e falta de crédito.

A importância do papel do educador não se resume apenas em ensinar os conteúdos, é estar aberto e apto à produção do conhecimento. É pensando criticamente a prática de ontem e de hoje que se pode melhorar sempre. De nada serve, falar em democracia e liberdade se é imposto ao educando a vontade do educador. Quanto mais colocamos em prática a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, mais crítico se pode tornar o nosso bom senso.

É de responsabilidade do educador, além de desenvolver seus conhecimentos, praticar os métodos mais adequados do processo ensino/aprendizagem, refletir sua própria realidade pessoal, examinar criticamente sua conduta e seu desempenho. Ele não pode estacionar no caminho da formação profissional, sendo negligente ou auto-suficiente. É indispensável participar constantemente de capacitações, seminários, leituras especializadas, indagações, debates coletivos para que conheça outras opiniões sobre problemas comuns.

O educador consciente do seu papel transformador, não pode pensar a educação sem a sua dimensão política. A educação como prática da liberdade se propõe a todo o momento, a pensar e (re)pensar a formação do cidadão crítico, reflexivo e transformador Soares (2002).

O processo de formação dos educadores, não pode se ater somente na formação inicial. O I Congresso Nacional de Educação de adultos, realizado no Rio de Janeiro em 1947, já se ressaltava as particularidades das ações educativas em diferentes níveis e se recomendava uma preparação adequada para se trabalhar com adultos.

O II Congresso, após mais de dez anos, criticava ainda a ausência de uma formação específica para os professores de adultos, assim como a falta de métodos e conteúdos pensados particularmente para educação de adultos. Nas últimas décadas, a questão da profissionalização do educador de adultos tem-se tornado cada vez mais nuclear nas práticas educativas e nas discussões teóricas da área. Aos poucos, a própria legislação incorporou a necessidade da formação específica desse educador. A lei 5692/71, explicitou em um artigo a necessidade de preparação do professor. A mais recente LDB, 9394/96, estabelece a necessidade de uma formação adequada para se trabalhar com o jovem e o adulto, bem como uma atenção às características específicas dos trabalhadores matriculados nos cursos noturnos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos estabelecem, no item VIII, referente à Formação Docente, que o preparo deste profissional deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino.

A necessidade de qualificação específica para o professor de adultos, é recorrente, ainda na atualidade, a ausência de políticas específicas para a formação inicial e em serviço do educador que atuará com esse tipo de população. A falta de atenção a essas especificidades tem levado muitos profissionais à mera transposição, para os jovens e adultos, das atividades que desempenham no ensino regular com crianças e adolescentes. Logo, o resultado de muitos desses trabalhos tem deixado a desejar: no lugar de potencializar as capacidades dos jovens e adultos, muitas vezes são tratados com infantilização. Há uma precariedade que é relacionada, muitas vezes, à ausência de uma formação específica nos cursos de Pedagogia, que advém a maioria dos profissionais. Podemos indagar até que ponto esses cursos desempenham um papel relevante e diferenciador na prática profissional dos que atuam na EJA.

A formação de educadores da EJA ganha densidade teórica ao buscar uma interlocução com a filosofia e com as ciências sociais. Em filosofia, encontramos os referenciais teóricos para a explicitação dos pressupostos que fundamentam nossa concepção

de educação, ou seja, a concepção de mundo marcado pelo movimento, um processo em constante construção,

Nas ciências sociais, encontramos os referenciais teóricos para buscar a compreensão da complexidade presentes na sociedade brasileira, profundamente marcada pela desigualdade social.

Quanto ao reconhecimento da formação, perguntam-se: Como se dá, então, na realidade, a inserção desses profissionais no mercado de trabalho? Até que ponto a conclusão do curso de Pedagogia, contribui para uma inserção profissional no campo da educação? Como pensar um processo de formação de educadores da EJA, marcado pela intencionalidade de auxiliar no processo de mudança social?

A garantia das condições de acesso e permanência passa pela qualidade da educação da qual a formação do educador é componente. É preciso atenção diferenciada por parte dos cursos de formação de educadores, com o olhar mais atento ao curso de pedagogia, em particular para formação de Educação de Jovens e Adultos, e estender a formação para além do curso de pedagogia.

Percebemos que os educandos concebem a escrita como uma possibilidade de interação. Esse valor atribuído à escrita abrange significados que estão ligados a aspectos pessoais da vida dos sujeitos; tem a ver, entre outras coisas, com o fato de como esse adultos se sentem na condição de analfabetos.

Ao sistema de escrita e ao seu domínio é atribuído um valor de superioridade. De modo geral, essa preeminência alimenta o estigma de ser analfabeto. Esse estigma está profundamente marcado na trajetória de vida desses alunos e se manifesta a partir de traços comuns, bem característicos desse grupo. Em relação ao comportamento, por exemplo, observamos que o discurso dos sujeitos expressa uma certa dificuldade de comunicação em público, inibição, timidez, pouca participação nas decisões do grupo familiar e em situações da vida cotidiana. Há aspirações, expectativas, valores que os sujeitos atribuem ao domínio do sistema da escrita e, do ponto de vista pedagógico, precisam ser atendidos.

Se há algumas décadas saber ler e escrever era privilégio de poucos, hoje é uma das condições para se transitar numa sociedade na qual a leitura e a escrita são mediadoras de uma enorme gama de bens e serviços produzidos socialmente. Dentre esses bens, poderíamos citar a saúde, a segurança, o trabalho, o lazer e as informações. Porém, não podemos acreditar que de posse desse saber, o acesso aos bens citados será garantido, pois, além de saber ler e escrever, devemos lutar pela conquista de direitos que, numa sociedade excludente, ainda não estão efetivamente garantidos. Nesse sentido, discutir os significados que adultos atribuem ao

processo de alfabetização pode nos auxiliar a compreender quais as necessidades e os desejos apontados por esses sujeitos.

Após um longo período de afastamento dos bancos escolares, assumir-se como educando, desenvolver a disciplina necessária aos estudos, o pouco tempo livre para estudar em casa, o cansaço sentido após um dia inteiro de trabalho, constitui um caminho cheio de obstáculos, um modo difícil para a retomada da escola.

É importante que o professor promova desafios, curiosidades, atividades diversas. Os educandos da EJA possuem variadas habilidades desenvolvidas no seu cotidiano, que podemos chamar de inteligências não cognitivas, que abrangem conceitos como das inteligências emocional e prática social.

A V Conferência Internacional de Educação de Adultos – CONFINTEA, organizada pela UNESCO e considerada o principal fórum mundial sobre o tema, realizada em Hamburgo, em junho de 1997, considerou a educação de adultos como a “chave” de entrada para o século XXI. No Brasil, como no resto do mundo, o investimento na educação continuada tem como característica a necessidade de formação de um grande contingente da população que não possui a escolaridade fundamental.

É preciso considerar que o alfabetizando adulto já dispõe de algumas ferramentas culturais que garantem sua inserção em diferentes práticas sociais, seja por meio da interação por textos orais (de diferentes gêneros textuais), seja por alguns textos escritos, lidos por eles próprios (placas, rótulos, nomes), seja por “outros” (jornal televisivo, carta) Albuquerque e Leal (2006).

Os não-alfabetizados desenvolvem, portanto, diversas estratégias para lidar com situações em que a escrita está presente na sociedade, e o educador precisa reconhecer tais estratégias.

Mais de um terço dos adultos do mundo não tem acesso ao conhecimento impresso, às novas habilidades e tecnologias, que poderiam melhorar a qualidade de vida e ajudá-los a perceber e a adaptar-se às mudanças sociais e culturais

Ausência da escolarização não pode e nem deve justificar uma visão preconceituosa do analfabeto ou iletrado como inculto. Muitos jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade de regiões do país, desenvolveram uma rica cultura baseado na oralidade da qual nos dão prova, entre muitos outros, a literatura de cordel, o teatro popular, o cancionário regional, os repentistas, as festas populares, as festas religiosas e os registros de memória das culturas afro-brasileira e indígena.

O educador de adultos precisa aprender a lidar com a imensa bagagem afetiva que alunos acumulam pelos longos anos vividos e que são trazidos para a sala de aula involuntariamente.

É por meio do diálogo que podemos refletir e agir em prol da transformação do mundo e possibilitar a troca de conhecimentos entre os sujeitos. As unidades educacionais da EJA devem promover a autonomia do jovem e adulto de modo que eles sejam sujeitos do aprender a aprender em níveis crescentes de apropriação do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver Soares (2002).

## **CAPÍTULO II**

### **EDUCANDO DA EJA: CARACTERIZAÇÃO**

Se há algumas décadas saber ler e escrever era privilégio de poucos, hoje é uma das condições para se conviver em uma sociedade na qual a leitura e a escrita são mediadoras de uma enorme gama de bens e serviços produzidos socialmente. Considerando o cotidiano em sala verificou-se que 70% dos analfabetos se constitui de indivíduos com mais idade, de regiões pobres e interioranas e provenientes dos grupos afro-brasileiros.

Muito embora cada história seja ímpar, constituindo o resultado de vivências e experiências particulares, existem momentos em comum que as marcam. Trata-se de histórias pessoais ricas de experiências, sujeitos que compartilham de uma mesma realidade social. A aprendizagem do educando muitas vezes restringe-se basicamente ao aprendizado da cópia do nome, na maioria dos casos auxiliados pelos filhos.

A vida em uma sociedade letrada coloca, a todo momento, a necessidade de buscar e processar informações escritas. No caso desses educandos, é necessária a busca de informação que substitua a decifração da escrita.

O educando adulto apresenta maturidade mental, é plenamente capaz de fazer reflexões e tem noção de suas condições e dificuldades. É um indivíduo que enfrenta o mundo em toda sua complexidade, o educador não pode esquecer da bagagem, experiência de vida, expectativas, possibilidades e dificuldades existentes no processo de aprendizagem. Ele precisa de um tempo maior para estabelecer novos vínculos, sociabilizar-se com o novo espaço ambiente diferente de seu cotidiano Albuquerque e Leal(2006). Certamente, buscam na escola possibilidades de mudanças em sua vida pessoal que o mundo do conhecimento pode oferecer, como melhores profissões e salários.

Suas experiências de vida e particularidades devem ser respeitadas porque envolvem o modo como cada um lida com os fatos da vida, que são condicionados pelas características de seu ambiente social. A tentativa de romper com a exclusão, que se manifesta não só no plano material-financeiro, favorece transposição dos seus limites e busca de um espaço de socialização, e interação afetiva.

Os educandos da EJA são trabalhadores de baixa ou nenhuma qualificação e que em algumas profissões, não tem valor algum perante a sociedade.

Paulo Freire cita, em seu livro “A Pedagogia do Oprimido”(1996) que não há nada melhor para o desenvolvimento dos educandos, que o respeito aos conhecimentos com os quais o educando chega aos bancos escolares, sendo dever do educador e mesmo da Unidade Educacional o de instigar para que esses conhecimentos sejam ampliados e até mesmo melhor entendidos em um contexto amplo.

Segundo Freire em “A pedagogia do Oprimido:” No círculo de cultura, não se ensina, aprende-se; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar informações solicitadas pelos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo.

A EJA deve ser pensada como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos.

As unidades educacionais da EJA devem promover a autonomia do jovem e adulto de modo que eles sejam sujeitos do aprender a aprender em níveis crescentes de apropriação do mundo do fazer, do conhecer, do agir e do conviver.

O maior problema não é, basicamente, o acesso, mas a permanência na escola, uma vez que, após sucessivos fracassos, o educando a abandona.

Deve-se considerar a diversidade destes grupos sociais: perfil sócio-econômico étnico, de gênero, de localização espacial e de participação sócio- econômica. Estes sujeitos chegam à escola com um saber próprio, elaborado a partir de suas relações sociais e dos seus mecanismos de sobrevivência.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego...) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O emprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização do jovem e adulto.

Suas experiências de vida e particularidades devem ser respeitadas porque envolvem o modo como cada um lida com os fatos da vida cotidiana, que são condicionados pelas características de seu ambiente social. A tentativa de romper com a exclusão. Que se manifesta não só no plano material-financeiro: eles procuram também um espaço de socialização, de interação afetiva.

É necessário analisar minuciosamente os alunos que frequentam essas aulas, pois adultos e jovens possuem toda uma história de vida a qual os levaram para fora da escola e agora os trouxeram de volta. Antigas experiências de fracasso e exclusão no ensino regular, deixam nos jovens e adultos uma auto imagem negativa, cabendo aos educadores ajudarem os educandos a reconstruírem sua imagem da escola, das aprendizagens escolares e de si próprios.

O educando da EJA quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar auto-estima pois sua “ignorância” lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação a escola Gadotti e Romão (2002).

O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar. Tendo sido excluídos precocemente da escola buscam no retorno, a complementação da formação escolar, havendo necessidade de construir um delicado equilíbrio entre condições favoráveis e desfavoráveis, lançando mão, para tanto, de estratégias próprias que lhe possibilite a permanência na escola até a conclusão do curso. É por meio do diálogo que podemos refletir e agir em prol da transformação do mundo e possibilitar a troca de conhecimentos entre os sujeitos.

Tendo no trabalho e na família a centralidade de suas vidas, esses educandos acabam precisando arcar com custos objetivos e subjetivos diversos e, em muitos casos, a permanência na escola requer grandes sacrifícios.

Possuindo uma trajetória de escolarização marcada por fracassos e uma trajetória de vida na qual a vivência de constrangimento pela pouca escolaridade foi constante, é natural que esses sujeitos ficassem apreensivos e temerosos diante de situações nas quais lhes fosse demandado expor seus conhecimentos, uma vez que se colocavam(e foram socialmente colocados) no lugar do não saber.

A finalidade da EJA não poderá ser suprir carência de escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida, garantindo direitos dos sujeitos que os vivenciam. As carências escolares se entrelaçam com as carências sociais. É preciso ver o jovem e adulto em suas trajetórias humanas, reconhecer que, além de alunos evadidos ou excluídos, eles carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e a sobrevivência.

A negatividade e positividade de suas trajetórias humanas passam por vivências, onde fazem percursos de socialização e sociabilidade, de interrogação e busca de saberes, de tentativas de escolhas e formação de valores.

As trajetórias sociais e escolares truncadas não significam sua paralização nos tenso processos de sua formação mental, ética, identitária, cultural, social, e política. Quando voltam à escola, trazem esse acúmulo de formação e de aprendizagem.



O contexto cultural do educando trabalhador precisa ser a ponte entre o seu saber e o que a escola pode proporcionar, evitando assim, o desinteresse, os conflitos e a expectativa de fracasso que acabam proporcionando um alto índice de evasão.

A EJA não deve ser uma reposição da escolaridade perdida, como normalmente se configuram os cursos nos moldes do que tem sido o ensino supletivo. Deve sim, construir uma identidade própria, sem concessões à qualidade de ensino e propiciando uma terminalidade e acesso a certificados equivalentes ao ensino regular. Há que se considerar que a EJA das camadas populares precisa necessariamente assumir como princípio norteador, o mundo do trabalho.

O analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência inevitável de estrutura social injusta. Seria ingênuo combatê-lo sem estudar e lutar contra suas causas. Segundo Gadotti o sucesso de um programa de educação de jovem e adulto é facilitado quando o educador é do próprio meio. Para ele o analfabetismo não é uma questão essencialmente pedagógica, mas uma questão essencialmente política. Ele completa, ler sobre a educação de jovens e adultos não é suficiente.

É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular. O educando adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Esses jovens e adultos repetem histórias de negação de direitos, as mesmas de seus pais, avós, de sua raça, gênero, etnia e classe social. São direitos negados historicamente. Sem dúvida, é preciso propostas mais próximas da especificidade das vivências dos educandos da EJA.

A EJA tem de se caracterizar com uma política afirmativa de direitos coletivos sociais, historicamente negados. Desde que EJA é EJA esses jovens e adultos são os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros, nos limites da sobrevivência. Configurar a EJA implica assumir essas identidades coletivas. Não basta a garantia do (re) ingresso, é necessário garantir a permanência, que o educando se sinta parte, que reconheça seu potencial e seja capaz de ampliar seus conhecimentos. Certamente precisam de algo diferente do que aprendemos, mas com o mesmo direito ao conhecimento da sociedade em que vivem.

A EJA não pode ser colocada paralelamente ao sistema, nem como forma compensatória, nem como forma complementar, mas como modalidade de ensino voltada para uma clientela específica.

Partindo do princípio de que todo ser humano é capaz de aprender (e também ensinar), a relação educador/educando torna-se um processo de constante ensino-aprendizagem de mão dupla.

### **CAPÍTULO III**

## **APRENDIZAGEM NA EJA**

Programas educativos devem ser organizados de forma que garantam o acesso e a permanência de jovens e adultos ao ambiente escolar, e que possam contribuir para sua atuação consciente na sociedade em que vive. Quem são os educandos, que saberes trazem, como eles aprendem, quais os seus desejos, expectativas e necessidades de aprendizagem?

Torna-se fundamental, oferecer uma aprendizagem ao longo da vida, que possibilite às pessoas selecionar informações e utilizá-las adequadamente, é essencial para o enfrentamento do grave problema social - o desemprego. Isso justifica-se pelo fato de que nos dias de hoje ninguém consegue se manter no mercado de trabalho se não ampliar os seus conhecimentos. Ao refletir o processo de aprendizagem na vida desses educandos é possível compreender o quanto é significativo para eles saber ler e escrever nesse mundo tão letrado. Mundo este, em que a presença das diversas tecnologias da comunicação e da informação, além dos inumeráveis códigos que surgem nos mais variados lugares, exige dos sujeitos um pensar mais elaborado para compreendê-los bem como uma consciência crítica sobre esses instrumentos na vida humana. Para tanto, é necessário saber ler e escrever como forma de deixar de ser dependente do outro e deixar de ser negado nos seus direitos como cidadão Soares (2006).

O educador deve contribuir para que os educandos reconstruam a imagem da escola, das aprendizagens escolares e de si próprios, promovendo a troca de experiências entre os pares, a socialização dos saberes e a formação de sujeitos. Estes educandos já sentem na pele a discriminação por não terem a escolaridade compatível com os empregos que surgem no dia-a-dia.

A unidade educacional deixa de cumprir suas funções, quando não consegue ampliar os conhecimentos trazidos pelos alunos, como se estes não pudessem ser considerados saberes que foram adquiridos ao longo de sua vida. Oferecer condições aos educandos compreendendo a realidade a que estão expostos, sem dúvida estariam contribuindo para superar problemas surgidos no seu cotidiano. É preciso refletir sobre a necessidade de sala de aula da EJA, como forma de que este espaço se transforme num lugar de aprendizagens significativas, possibilitando aos sujeitos transferir esses saberes para outras situações além da sala de aula Pereira (2005).

A elaboração de projetos pedagógicos que contribuam para o sucesso desses indivíduos que necessitam de uma educação de qualidade deve receber atenção especial de educadores e coordenadores pedagógicos. O educador, sabendo das expectativas do educando adulto deve ampliar seus interesses mostrando que uma verdadeira aprendizagem depende muito mais que atenção as atividades mecanizadas de memorização. Uma trajetória de fracasso e exclusão no ensino regular, deixam nos jovens e adultos uma auto imagem negativa, cabendo aos educadores ajudarem os educandos a reconstruirmos sua imagem da escola, das aprendizagens escolares e de si próprios.

Não podemos ignorar que o educador é o mediador do processo de apropriação do conhecimento. É preciso desenvolver auto-estima desses educandos, pois a sua “ignorância” lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Estimular o educando a participar ativamente do processo da aprendizagem, apreciando de forma crítica o seu próprio desenvolvimento.

Há que se considerar que o adulto não quer ser tratado como uma criança. No entanto, acredita que a educação oferecida a criança é a “verdadeira” educação. Sem dúvida que sua experiência de mundo é muito ampla, mas com relação a educação é limitada, cabe ao educador ampliar sua visão, seu conhecimento sobre processo de aprendizagem.

Quanto mais velhas forem as pessoas mais informações precisam antes de executar um trabalho. Não poderia ser diferente no processo ensino/aprendizagem. Educandos adultos têm seu ritmo próprio, e conseqüentemente precisa de um tempo maior em comparação aos mais jovens.

Os educandos da EJA terão menos dificuldades se os conteúdos desenvolvidos em sala de aula forem relevantes e úteis na sua vida diária e principalmente, se houver relação entre aprendizagem e a profissão que estão exercendo ou esperam exercer.

É preciso considerar, que a partir dos quarenta anos há um declínio acelerado na visão e audição portanto, o ambiente de sala de aula dos adultos deve ser bem iluminada, textos devem ser redigidos com letras grandes, além disso os educandos precisam ser encorajados a se manifestarem caso tenham dificuldade em enxergar ou ouvir. Isto não significa que não possam aprender, foi constatado que a capacidade de aprendizagem não diminui entre os 55/65 anos. A partir desta idade, ela apenas diminui muito lentamente. O problema é que os idosos não acreditam, pois comparam a aprendizagem com a memória mecânica fora do contexto, o que eles precisam é de um tempo maior para aprender tão bem ou melhor que os mais jovens.

É preciso que fique claro para o educador que dificilmente o educando permanecerá em sala de aula se não houver uma relação entre o processo de aprendizagem com a sua própria vida. Ele precisa perceber que o conteúdo que está aprendendo lhe será útil no seu cotidiano. Isto significa que aprenderá melhor se relacionar o que está aprendendo com sua perspectiva. O adulto chega na sala de aula com um preconceito contra a sua própria capacidade, principalmente quando compara-se a um colega mais jovem que tem uma experiência escolar mais recente. O educador da EJA precisa estimular o educando e fazê-lo acreditar que ele pode aprender. Uma vez que, buscam na escola possibilidades de mudanças em sua vida social.

É importante ressaltar as contribuições criadoras que os educandos são capazes com o encorajamento do educador. Deste modo a dificuldade em participar das atividades conseqüentemente desaparecerá. De todo modo os conteúdos trabalhados não podem ser totalmente estranhos ao cotidiano do educando.

O educador nem sempre tem consciência de sua influência nas aulas e da facilidade com que essa influência pode ser usada positivamente ou negativamente em relação ao desenvolvimento do processo de aprendizagem, de modo que, a maneira como o educador recebe a participação do sujeito, como ele responde aos comentários elaborados por ele, pode ser crucial no desenvolvimento do educando.

Pode-se considerar que competir com outras atividades dos adultos, tais como, vida familiar, atividades sociais, cansaço, depois de um dia de trabalho, se as aulas não forem estimulantes e atraentes, e o adulto não visualizar benefício e objetivo real, infelizmente não permanecerá.

## **CAPÍTULO IV**

### **OLHAR DO EDUCADOR EM SEU COTIDIANO**

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

(FREIRE, 1996, P.23)

Este capítulo tem por objetivo analisar os dados de seis professores, refletindo os conhecimentos trazidos para a sala de aula pelos educandos, que estão em constante transformação, onde todos aprendem e todos ensinam.

Analizando as respostas do questionário aplicado aos seis professoras, o resultado da primeira pergunta que solicitava ao professor, informar a fundamentação teórica de seu trabalho, foi que 83% buscam em Paulo Freire elementos teóricos que subsidiem seu trabalho prático, Dos professores pesquisados, 17% afirmam que sua fundamentação teórica toma por base a metodologia de projetos partindo de temas de interesse dos educandos em uma demonstração efetiva de respeito e atenção ao que os educandos desejam estudar.

O educador que afirmou buscar em Paulo Freire inspiração teórica em seu trabalho, justifica a busca por uma educação libertadora, que promova transformação na vida dos educandos, reflexão norteadora do trabalho de Paulo freire.

Analizando as respostas da segunda pergunta, o resultado foi que embora os educadores promovam uma educação crítica e inclusiva, a visão da EJA para os professores continua sendo ainda lugar dos excluídos. Os educadores afirmaram ser necessário haver uma reformulação do programa, pois os educandos possuem necessidades específicas, são sujeitos que, embora não tiveram acesso a escola regular deveriam ser incentivados a retornar, pois é um direito constitucional enquanto cidadão. A reflexão do educador é que se promova um processo de desenvolvimento crítico e político concientizando-os da necessidade de continuidade dos estudos. Os resultados da terceira pergunta que solicitava ao professor informar quais outros recursos são utilizados além dos livros didáticos. No geral, os recursos foram bastante comuns. Por exemplo utilizam jornais, panfletos propagandas, encartes, jogos, músicas, poesias, textos diversos, cultura oral, filmes, documentários, material dourado, revistas, pesquisas na internet, atividades com sucatas, bulas de remédio e receitas. Estes

recursos são utilizados por aproximadamente 90% dos educadores uns mais diversificados outros menos.

Os resultados da quarta pergunta que demandava ao professor informar a realidade sócio-econômica de seus alunos, segundo os educadores, a maioria ganha um salário mínimo, são sujeitos que possuem muitas dificuldades financeiras, no geral trabalham como empregada doméstica, diaristas, autônomos, além daqueles que estão afastados por problemas de saúde, sobrevivendo apenas com o benefício recebido.

Analisando as respostas da quinta pergunta referente ao material didático utilizado, se está de acordo com o grupo de alunos, 34% dos educadores afirmaram que não, visto que o material é inadequado, pois para atender as reais necessidades dos educandos, precisam ser adaptados, principalmente quando se trata de alfabetização (PEB1). Afirmam ter a preocupação em adequar o material, mesmo assim; 17% acredita que o material está de acordo; outros 17% afirma que utilizam livros e textos próprios para EJA; 34% afirma que o material utilizado está de acordo visto que buscam promover atividades partindo de temas atuais e de interesse dos educandos de acordo com o nível de dificuldade de cada um.

As respostas à questão seis, que solicitava ao educador, informar as dificuldades encontradas na prática profissional da EJA; 50% afirma que as dificuldades estão relacionadas as salas multisseriadas e educandos com necessidades especiais; outros 50% afirma que há uma cobrança muito grande quanto ao número de educandos sem que se considere as salas multisseriadas e alunos com necessidades especiais. Uma outra colocação é quanto frequência ser bastante irregular, conseqüentemente, a aprendizagem também se torna irregular. Outras dificuldades foram elencadas tais como: salas inadequadas, faixa etária, falta de formação continuada para professor alfabetizador, constituindo-se em fatores complicadores dificultando a prática profissional dos educandos da EJA. Os educadores afirmam também ser indispensável uma filosofia que norteie o trabalho, garantindo uma linguagem mais equilibrada e fraterna.

Enfim, podemos concluir que o educador da EJA precisa estabelecer relações, suprimindo as necessidades individuais dos alunos – motora, cognitiva, afetiva e social – conjunto de fatores que contribui para o desenvolvimento do sujeito de forma integral promovendo efetiva atenção e respeito às particularidades do indivíduo permitindo que o processo de aprendizagem se estabeleça de forma efetiva. Se o educador desconsiderar estes fatores específicos poderá comprometer todo processo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste momento de reflexão em torno da produção deste trabalho retomamos o nosso objeto de pesquisa, que se dá na percepção do educador quanto à dificuldade de seus educandos. Ao refletir sobre as contribuições, dos educadores, verificou-se a preocupação do professor com relação a permanência de alunos em sala de aula e o crescente número de educandos com necessidades especiais. Torna-se necessário promover ações que favoreçam um preparo específico nos cursos de pedagogia, sendo relevante e diferenciador a prática profissional dos que atuam na EJA. Garantir o acesso não basta, é necessário garantir a permanência, oferecer uma aprendizagem que se perpetue ao longo da vida. Percebe-se que o educando da EJA possui uma trajetória de escolarização marcada por fracassos. Essa educação não pode ser colocada como compensatória, nem como forma complementar, mas como modalidade de ensino voltada para uma clientela específica.

Um outro aspecto pontuado também se refere as práticas educativas dos educadores que buscam em Paulo Freire elementos teóricos que subsidiem seu trabalho pedagógico.

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**, Belo Horizonte: Autêntica , 2006

BRASIL. Lei n. 9394/96 – 20 dz. 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 1996.

BRASIL. **Proposta curricular para o primeiro segmento do ensino fundamental - Educação de Jovens e Adultos**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos**, São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Desafios da educação de jovens e adultos**, Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PEREIRA, Marina Lúcia. **A construção do letramento na educação de jovens e adultos**, Belo Horizonte: Autêntica, 2005

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**, São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Leônicio (Org.). **Aprendendo com a diferença**, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Leônicio. **Educação de jovens e adultos**, Rio de Janeiro: DP&,2002.



## **ANEXO**

## QUESTIONÁRIO

1) Você trabalha com a EJA fundamentada em algum posicionamento teórico específico? Qual? Porquê?

---

---

---

---

---

2) Qual a sua visão da EJA?

---

---

---

---

---

3) Além dos livros didáticos, quais outros recursos que você utiliza na EJA?

---

---

---

---

---

4) Qual é a realidade sócio-econômica de seus alunos?

---

---

---

---

---

5) O material didático que você utiliza está de acordo com seu grupo de alunos? Justifique.

---

---

---

---

6) Quais as dificuldades encontradas na prática profissional da EJA?

---

---

---

---